



Modos de enunciação da cidade de São Paulo na mídia impressa

Simone Bueno da Silva*

Resumo: O artigo propõe discutir, a luz dos estudos da Sociossemiótica francesa, os modos de enunciação da cidade de São Paulo na mídia impressa de grande circulação e os processos de midiaticização. Para tanto, toma como objeto de análise importantes periódicos temáticos que se ocupam de falar da capital, destacando as revistas *Veja São Paulo* e *Época São Paulo*, além dos cadernos diários *Metrópole*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* e *Cotidiano da Folha de S. Paulo*. Parte da análise de algumas constantes nos modos de enunciação da cidade a partir de modalidades discursivas que circulam nessas publicações como formas invariantes, considerando os distintos enunciadores bem como as instâncias enunciativas, inscritas em uma enunciação coletiva. A análise dos diferentes procedimentos discursivos fundados no uso de determinados operadores linguísticos nos enunciados postos mostra a construção de diferentes procedimentos de midiaticização, permitindo a formulação de categorizações relacionadas a diferentes modos de informar sobre a metrópole e assim enunciar a cidade. Organizadas sob os eixos da objetivação e subjetivação, pautados ora por maior aproximação ora maior distanciamento essas categorizações podem ser relacionadas a diferentes regimes de interação e de sentido os quais participam na estruturação de uma imagem de cidade permitindo um aprofundamento nas relações de midiaticização na construção do sentido em ambientes midiáticos tomados como instâncias de sociabilidade.

Palavras-chave: sociossemiótica, São Paulo, enunciação, discurso, interação

Introdução

Entendendo o discurso midiático como lugar de interação social e produção de sentido e dedicado a analisar os processos de midiaticização, esse trabalho pretende tecer algumas reflexões sobre a construção de uma imagem de cidade no discurso midiático, tomando a capital São Paulo como foco. Para tanto, destaca importantes periódicos que se ocupam da tematização da capital, elegendo as revistas *Veja São Paulo* e *Época São Paulo*, além dos cadernos temáticos *Metrópole*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* e *Cotidiano da Folha de S. Paulo*. Busca com isso verificar algumas constantes nos modos de enunciação da cidade a partir de modalidades discursivas estabelecidas, considerando os distintos enunciadores bem como as instâncias de delegação de vozes que participam do processo enunciativo.

Parte da hipótese fundamental de que tais veiculações operam com modos de percepção e apreensão da cidade que ganham materialização nas construções

narrativas e discursivas. Dessa forma, práticas de vida observadas em hábitos, atitudes, necessidades e aspirações, flagradas nos modos do paulistano morar, alimentar-se, vestir-se, comprar, trabalhar, cuidar da saúde, educação, etc., são ressaltadas, figurativizando as formas de vida e de gosto e que deixam entrever os modos de agir, sentir, viver e estar em uma grande metrópole. Atualizam-se, assim, simulacros¹ de espaços turísticos, comerciais, gastronômicos, políticos, de reivindicação, cultura e lazer, por meio de construções enunciativas distintas que tecem diferentes relações intersubjetivas. Essas orientadas por diferentes modalidades discursivas, observadas a partir de operadores linguísticos e enunciativos que se apresentam como constantes na composição dos enunciados.

Nessa perspectiva, mais do que deter-se a uma atividade de análise centrada em categorizações externas, concernentes a determinados modos de narrar e os gêneros que convocam, o trabalho busca concentrar-se nos processos interacionais entre destinador e destinatário na construção do discurso. Em outras palavras,

* Pontifícia Universidade Católica PUC. Endereço para correspondência: (simbuenos@gmail.com).

¹O conceito de simulacro será utilizado a partir da contribuição de Landowski (Greimas; Courtés, 1991, p. 232-233) que o define: "(...) casi como sinónimo de modelo, permitindo entonces subrayar explícitamente el carácter no referencial de las construcciones con ayuda de las cuales la semiótica se esfuerza por dar cuenta de los fenómenos de producción y aprehensión del sentido." Assim, são os simulacros que dão forma às imagens de cidade que tendem a povoar os imaginários coletivos.

busca aproximar-se não apenas do que é dito, ou mostrado, nos enunciados postos, mas o modo como se processam tais operações narrativas e discursivas, destacando a práxis enunciativa e os percursos interacionais, encaminhando-se para uma proposição tipológica.

Seguindo os preceitos de uma semiótica da interação, considera a noção de gênero no quadro da sociosssemiótica, destacando a abordagem de Eric Landowski (1996, p. 30) que afirma:

Se a perspectiva sociosssemiótica conduz a considerar as taxionomias empíricas que ocorrem espontaneamente num dado espaço sociocultural, não é para aceitá-las tal qual, como se elas delimitassem unidades discursivas estáveis e teoricamente fundadas, ao contrário, é com o objetivo de analisá-las, de explicitar seu modo de organização e seu modo de funcionamento, isto, é, suas regularidades e também e sobretudo suas eventuais transformações.

Buscando não perder de vista a totalidade discursiva, que remete ao *ethos* da enunciação nas diferentes publicações analisadas, as questões que se colocam são: de que maneira as diferentes construções enunciativas e as modalidades discursivas em que se manifestam deixam entrever modos de enunciar a cidade nos simulacros que constroem? Como atualizam operadores linguísticos? De que maneira os diferentes modos de enunciar a cidade apontam para diferentes relações intersubjetivas, apontando para diferentes regimes interacionais e de sentido?

A fundamentação teórica é baseada nas pesquisas da sociosssemiótica de Eric Landowski em diálogo com as pesquisas de A. J. Greimas e seus colaboradores, destacando a semiótica plástica de J-M. Floch e F. Thürlemann e as pesquisas de A. C. de Oliveira sobre os modos de enunciação no visivo e as interações discursivas.

1. Enunciações da cidade

Visando tratar da construção de uma imagem de cidade em sua complexidade, a partir de um objeto analítico, igualmente complexo – edificado a partir de uma diversidade de narrativas inscritas em diferentes tipos de construções enunciativas, tendentes, inclusive, à multiplicação e hibridização – nosso percurso investigativo se orienta para a análise de algumas constantes verificadas nas formas de dar a conhecer a cidade nessas publicações que são veículos de informação sobre a metrópole. Sem a pretensão de tecer uma análise exaustiva sobre as possibilidades de manifestações

textuais e discursivas sobre a cidade, cuja brevidade dessas linhas não permitiriam, deter-nos-emo àquelas composições estruturais que devido ao caráter de reiteração e permanência, no eixo espaço-temporal, destacam-se no corpo da enunciação global de cada publicação, inclusive fazendo parte de sua constituição identitária. Tais características, além de nos servir como critério de seleção do corpus, permite-nos tratar seus enunciadores como actantes coletivos, resguardando devidamente o estilo individual das diferentes vozes que em conjunto formam uma enunciação coletiva. Nessa direção, passamos à observação dessas constantes:

1.1. A cidade monumentalizada

Aproximando-nos das formas de midiaticização da cidade de São Paulo na mídia impressa, um primeiro encontro com o objeto mostrou-nos a recorrência de informações sobre a cidade centradas na isotopia do simbólico.² Verificamos, então, a eleição de marcos emblemáticos como um modo privilegiado de mostrar a cidade, destacando os monumentos arquitetônicos e pontos turísticos, captados, especialmente, em suas materialidades e localizações, deixando entrever suas geometrias e geografias de modo espetacular.

Não por acaso, as narrativas da cidade mostrada pelo simbólico ocupam as capas das revistas temáticas, como *Veja São Paulo* e *Época São Paulo*, destacando-se, regularmente, como temas de reportagens centrais. Nesse caso, a posição de destaque, inscrita no regime de visibilidade do *não poder não ser vista*, de acordo com as proposições de Landowski (1992) faz-ver, e mais do que isso, sentir um simulacro de cidade captada quase que exclusivamente por meio de angulações privilegiadas a partir de enquadramentos panorâmicos, com visões do alto, ou de baixo, ou ainda aproximações em *close* de edifícios, monumentos e pontes, preferencialmente iluminados, gerando efeitos de euforização atrelados a ideia de glamourização.

Retomando Landowski (2002) podemos dizer que tais escolhas enunciativas quando tomadas em conjunto apontam para a construção de uma modalidade social de percepção e apreensão da cidade, desenvolvida dentro de uma perspectiva modelizante. Dessa forma, o enunciatário é convidado a conhecer a cidade a partir de um mapeamento de determinados lugares, qualificados positivamente como lugares para se visitar, estar, desfrutar, apontando para discursivizações em torno dos modos de apropriação e uso dos espaços da cidade, pautado em construções de valores e axiologias, em um contexto de interação guiado pela manipulação e programação. Nessa direção, verificamos uma proliferação de imagens características dos cartões-postais, gênero de grande apelo comercial, for-

² A esse respeito, ver SILVA, Simone Bueno. *Simulacros da cidade de São Paulo na mídia impressa e digital*. Anais do XVI Colóquio do CPS, Edições CPS, 2010.



Figura 1

A cidade monumentalizada

mando uma rede referencial discursiva nos modos de enunciação da cidade. Uma vez estabelecida tal perspectiva modelar como forma de se ver e sentir a cidade, o enunciador das imagens construídas passa a jogar com valores instituídos: “o valor do valor” de que fala

No monumental ressaltado, muitas vezes, pela voz do enunciador administrador da cidade em inter-relação com o enunciador midiático, observa-se a visibilidade conferida às dimensões topológicas, eidéticas, cromáticas e matéricas dos projetos arquitetônicos que revelam o progresso, a riqueza, a magnitude e o esplendor das grandes cidades e que estão presentes na formação de um imaginário de metrópole. Nesse caso, a iluminação, destinada a fazer ver os contornos do magnífico, cumpre um papel relevante na exposição de suas configurações plásticas atuando sobremaneira como dispositivo de fascinação e entretenimento. Atraindo e fazendo passear ou pairar o olhar de quem contempla, o caráter funcional, a princípio, da luminosidade é intencionalmente ultrapassado e, assim, a “cidade que luz” aparece figurativizada como uma actante que seduz, reforçando as narrativas e narratividades de uma grande cidade e que operam na isotopia da promessa. Nesse modo de espetacularização da metrópole, os recortes pontuais abrem espaço para a criação de cenários idealizados que convidam

Greimas, (1977, p. 184), atuando sobremaneira por meio de um fazer persuasivo, instaurando uma relação contratual sustentada por elementos da sedução e da promessa.

personagens e atores diversos a desfilerem nas passarelas imaginárias de uma cidade vitrinizada a partir de seus emblemas.

Assim, os recortes sincrônicos do espaço e da temporalização contribuem para a composição de um simulacro de cidade pulsante e envolvente. Atualiza a cidade que acontece no aqui e agora, operando, sobremaneira, com o tempo do presente do indicativo na composição de enunciados persuasivos, que exploram largamente a categoria modalizadora dos adjetivos. Ao se referir ao emblemático como valor nos modos de presentificar da cidade, o enunciador tende a estabelecer um diálogo imediato e eficiente com o enunciatário a partir das formas de conhecimento e apreensão que explora e que são amplamente reiteradas.

Mas essa forma de construção discursiva, ainda que desfrute de grande visibilidade, não constitui a única forma de comunicar a cidade, especialmente em publicações como revistas e jornais, que se estruturam e se subdividem a partir de seções e espaços enunciativos diversos. E se diferentes modos de enunciar mani-

festam diferentes modalidades textuais e operadores discursivos, nosso percurso investigativo será o de observar como a informação do simbólico, verificada até então, relaciona-se com outras narrativas que vão falar da construção de um simulacro de cidade no *corpus* destacado.

1.2. A cidade historicizada

Operando com um modo de informação da cidade paudado pelo gênero documental, deparamo-nos com um segundo elemento invariante nos modos de enunciação da cidade, que atua em relação de complementaridade com as formas de construção simbólica. Trata-se das narrativas que buscam recuperar a memória da cidade por meio de sua história e de seus habitantes.

Nesse caso, observamos construções narrativas que visam recuperar uma imagem de cidade do passado que é colocada em relação com o presente. No nível discursivo, essas narrativas contam com recursos expressivos que exploram marcadores temporais e espaciais enuncivos, com amplo uso dos tempos pretéritos, destacando-se, entre eles, o pretérito perfeito. No plano visual, essa temporalidade é reconstruída no cromatismo por meio de imagens em preto e branco ou ainda assumindo tonalidades alaranjadas ou acinzentadas, imprimindo dramaticidade às cenas retratadas além de efeito de sentido de um tempo passado. Tais imagens, muitas vezes manipuladas por meio de recursos tecnológicos, promovem um resgate do tempo do vivido, tomado como valor em um modo de presentificação da cidade orientado pela dimensão cognitiva.

Dispostos na topologia das páginas ladeando ou ocupando posição central em meio às informações renovadas a cada dia para os jornais, semana ou mês para as revistas – características das narrativas dos periódicos em questão – o tempo da memória é apresentado como um modo de trazer informação nova sobre a cidade ou os acontecimentos que a cercam, tensionando o passado e o presente. Assim, a atualidade e o tempo vivido se encontram na construção de um simulacro de cidade a partir de diferentes vozes discursivas, que recuperam o percurso de transformação da cidade e seus habitantes. Trata-se, pois, de uma narratividade

atualizada no contexto de uma narrativa do presente, como podemos observar no fragmento que remete à temporada de realização da Copa do Mundo:

Não é de hoje que a Copa do mundo para o trânsito da cidade. Em 22 de julho de 1.974, a rua Augusta, nos jardins, foi invadida por jovens cabeludos, agitando bandeiras verdes e amarelas depois da vitória do Brasil por 3 a 0 contra o Zaire. (Veja São Paulo, 23/06/2010).

Aludindo a um passado remoto, ou nem tanto, tais construções narrativas fazem o enunciatário retroagir no tempo a partir de marcadores adverbiais, seguidos de indicações precisas de ano, mês ou dia em que determinado fato ocorreu, trazendo-o de volta por meio de artifícios discursivos do presente, como podemos verificar nos cadernos *Metrópole (O Estado de S. Paulo)* e *Cotidiano (Folha de S. Paulo)*.



Figura 2
Notícia – “Há um século”



Figura 3
A cidade historicizada

Nas edições de *Época São Paulo*, o passado é visitado por meio de destaque conferido às personalidades que tiveram uma participação relevante na narrativa da cidade. São os “paulistanos ilustres e ilustrados” apresentados em pequenos perfis biográficos, conforme o trecho seguinte que conta a história de Benedito Calixto:

Nascido em Itanhaém em meados do século XIX, Benedito Calixto de Jesus foi um retratista de nossa paisagem (...). Um de seus mais célebres quadros é sobre um alagamento na várzea do Carmo, coisa que continua acontecendo até hoje, como sabemos (...). Amante da fotografia, paralelamente à pintura, Calixto foi atraído também pela atividade de historiador (...) chega a ser no mínimo curioso que apesar de sua tamanha importância em nosso universo artístico e cultural, Benedito Calixto seja hoje muito mais conhecido pela feirinha de antiguidades e pintura na praça que leva seu nome, em Pinheiros (*Época São Paulo*, janeiro de 2011).

Frequente no espaço midiático, esse modo de informação da cidade costuma apresentar-se de forma breve, contido em pequenas colunas ou notas nos jornais. Porém, em alguns casos, aparece como tema de reportagem de capa, como em edições comemorativas, ou aquelas que propõem reflexões nostálgicas, conforme a edição de *Veja*.

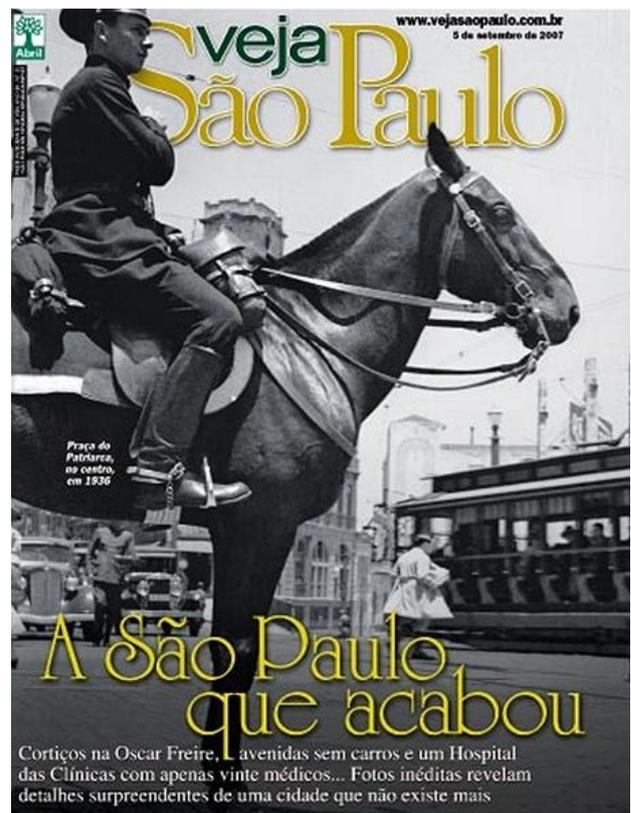


Figura 4
Veja São Paulo, 05/09/2007

1.3. A cidade cotidianizada

Se a perspectiva histórica apresenta um modo de comunicar a cidade marcada pelo passado, no qual a modalidade cognitiva ganha destaque, atualizando a

paixão do saber atrelada ao prestígio que o conhecimento acumulado desempenha em nossa sociedade, um modo diverso de presentificação da cidade elege um recorte em um tempo e espaço do flagrante, marcado pelo aspecto da pontualidade, deixando entrever os encontros e desencontros do sujeito habitante ou visitante com a actante metrópole em cenas do cotidiano.

Operando com narrativas breves sobre temas circunstanciais são as crônicas que vão dar visibilidade aos modos como as pessoas ocupam e se relacionam com os espaços e lugares da cidade, focalizando as ações banais do cotidiano em seus pormenores e mostrando assim o desenrolar dos acontecimentos. Fundada no detalhe que funciona como um operador discursivo que imprime às ações do sujeito um tom singular e portanto subjetivo, essa modalidade discursiva atualiza percursos narrativos de vivenciação e experimentação da cidade em seus usos e práticas, projetando o enunciatário em uma relação, ao mesmo tempo, de testemunha e de identificação.

Falar das crônicas na mídia impressa brasileira implica sempre ressaltar a tradição dessa modalidade discursiva, destacando a sua presença, desde longa data, na maior parte dos periódicos em circulação, conforme afirma Antônio Cândido:

No Brasil, ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se acimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi folhetim, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias (. . .) (Antônio Cândido, 1981, p.15).

Ao assumir um tom marcado pela ironia e humor, a crônica promove a reflexão crítica e o riso, trazendo o enunciatário para a narrativa. Somadas a um lirismo inerente, que abre as portas da sensibilidade, tais características tendem a envolver o leitor em percursos de ajustamento sensível, conforme Landowski (2005). Tudo se passa como se o enunciatário entrasse para a narrativa, vivenciando junto, ainda que de forma mediatizada, os flagrantes do cotidiano, os quais explorados por miúdo são capazes de provocar as pequenas surpresas de que fala Antônio Cândido (1981).

O tom lírico e humorístico que confere leveza às narrativas do cotidiano, operando, muitas vezes, com ressemantizações poéticas de situações banais, contribuem para uma espécie de suspensão do enunciatário em sua experiência de leitura diária. Como em uma espécie de oásis, esse encontra uma pausa revigorante na dureza das notícias do dia ou da semana. Sobre esse modo de composição, Antônio Cândido (1981, p.15) nos fala que, durante seu percurso de evolução,

a crônica foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar para ficar cada vez mais com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, descompromissada, e se afastou da lógica argumentativa e da crítica política para “penetrar poesia adentro”. Atento às transformações, o autor nos informa: “Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum *satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesmo.*” (Antônio Cândido, 1981, p. 15).

É na plasticidade dessa composição narrativa que vamos observar situações que fazem parte do dia a dia de quem vive em uma cidade grande, colocando-nos diante de acontecimentos, que embora saltem da imaginação do cronista, já que é sempre uma obra de ficção, nos parecem tão familiar. A escolha enunciativa em dar visibilidade a um fato, destacando ângulos inusitados, ampliando, do ponto de vista da atualização, a visão do enunciatário traz o acontecimento para perto do leitor. Dessa forma, verificamos a exposição de narrativas que vão tratar dos modos de vida e formas de gosto do sujeito habitante da cidade deixando entrever, entre outros hábitos, formas de se alimentar, morar e vestir.

É assim que Antônio Prata resalta na crônica intitulada “Rodízio” o apreço do paulistano por uma prática alimentar, que sobrevivendo ao auge da moda perpetua na capital como um modo de vida aclamado e até mesmo emblemático, ocupando endereços dos mais populares aos mais requintados, contando indistintamente com inúmeros adeptos:

Nem a Biblioteca de Alexandria nem o acelerador de Hádrons, as pontes estaiadas ou as viagens à lua, o transplante de coração ou a Nona Sinfonia de Beethoven: o ápice da civilização é uma churrascaria rodízio (Metrópole, 13/12/2010).

Fazendo uso de um humor acentuado e de uma ironia fina, o cronista busca em nossas raízes antropológicas as transformações dos hábitos alimentares até chegarmos ao culto aos rodízios, pontuando as características e particularidades que envolvem o ritual dessa prática alimentar:

Das savanas africanas até a plaquetinha verde/vermelho, foi uma longa caminhada. Durante o trajeto, nós pastamos bastante e comemos o pão que o diabo amassou” (. . .) “Fomos moldados na escassez. A adversidade é a mãe da evolução – o gene mutante é o pai – mas agora, vejam só, “o senhor aceita uma linguicinha?”, “picanha nobre?”, “maminha na manteiga?”, “pintado na brasa?”, “quebramos a banca, meu parceiro de espécie, e o

bufê de massas, sem as carnes, sai por vinte e nove e noventa e nove. Amém! (Metrópole, 13/12/2010).

E, finalmente, conclui:

Se um marciano pousasse por aqui e nos pedisse um resumo do que andamos fazendo nos últimos milhões de anos, não o levaria ao Louvre, mas a uma dessas churrascarias da Rebouças. Veja só, amigo alienígena: a ciência moveu montanhas para arrancar da terra os minerais de que são feitos nossos talheres, conhecimentos de três mil anos são aplicados na cerâmica dos pratos, o vidro, que os Fenícios inventaram e venderam por todo o Mediterrâneo, contem o sal, a pimenta, o azeite e o vinagre. Está vendo esse salmão, meu caro ET? Faz vinte anos, era artigo de luxo, prato principal em casamento chique: agora está aí, plebeu, sobre a cama de gelo picado, entre o salpicão e as ervilhas. Esse ao lado dele é o tomate seco. Também já teve seus dias de glória, desfilou por salões e bocas selecionadas. Agora aguarda, paciente, por um ou outro comensal saudoso, como uma rapariga decadente (Metrópole, 13/12/2010).

Tratando do tema da mudança de residência, tão familiar a quem chega a uma grande cidade em busca de novas oportunidades ou precisa deixar um imóvel para fugir do preço do aluguel, ficar mais próximo de um novo trabalho, ou, ainda, adquirir uma moradia maior quando se melhora de vida, a crônica “Novo endereço”, de Ivan Angelo, aborda um modo de habitação característico das grandes metrópoles que sofrem cada vez mais com a falta de espaço, abrigando muitos de seus moradores nos chamados apartamentos, e os descompassos na tarefa de mobiliá-los de acordo com as tendências dos móveis e decorações disponíveis no mercado:

(...) é preciso considerar que nós, da classe média, estamos vivendo um período de desencontro entre os objetos e a moradia. As indústrias de artigos domésticos e da construção civil parecem caminhar em direções divergentes. Os móveis já não passam nas portas e nas escadas, não entram nos elevadores. Multiplicam-se os serviços de içamento, com preços absurdos (...). “Há geladeiras que a classe média pode comprar, mas que não entram nos apartamentos que ela pode comprar, a não ser que içadas pela varanda. E quando não há varanda? Quem tem um piano em casa, mesmo pequeno, como é que faz? E olhe que piano já foi moda na família paulistana. Hoje, piano em casa, só se for daqueles

eletrônicos, que agora se podem até dobrar e enfiar debaixo do braço”. (...) “Como acomodar essas modernas camas-boxes King-size tão apregoadas? O morador vai ficar dando joelhadas e caneladas pelas passagens estreitas.” (...) “plantas decorativas entram deitadas nos apartamentos e só saem mortas”. “As televisões têm telas cada vez mais maiores e as salas são cada vez menores. É como ver cinemão na primeira fila (Veja São Paulo, 10/11/2010).

Utilizando predominantemente o discurso direto, a marca da primeira pessoa cria efeito de subjetividade e convoca o enunciatário em uma relação de identificação. É também o que podemos observar em “Temporada de liquidação”, de Walcyr Carrasco.

Fazendo amplo uso de diálogos, em turnos conversacionais, o autor nos coloca na rotina do comércio das grandes cidades, destacando uma loja de um shopping center em época de liquidação. Focaliza, assim, os modernos centros comerciais das grandes metrópoles brasileiras, especialmente da cidade de São Paulo, e que concentra grandes lojas em instalações quase sempre suntuosas, verdadeiros templos do consumo em temporada de liquidação, conhecida atividade do comércio de varejo que impulsiona o consumo e faz parte do hábito de compras dos paulistanos, desfrutando inclusive de calendário específico.

O narrador participante dos acontecimentos conta a aventura de um sujeito em busca do casaco “de seus sonhos”:

Há dois anos namoro um casaco azul. Mas quando olho a etiqueta sinto calafrios. “um dia terei esse casaco!”, penso. Há uma semana recebi um e-mail da loja anunciando liquidação de 50%! Melhor dizendo, “sale” pois é assim que as grifes batizaram a boa e velha temporada de descontos.” Chegou a hora! Decidi. (...) No shopping passei duas vezes em frente a vitrine do estabelecimento, para conferir. Entrei, tentando aparentar desinteresse: (...). “Vocês ainda tem esse casaco? É da coleção passada, Encahou? - desdenhei. (...) Vesti (...), mas a cintura... por mínimos centímetros, os botões não fechavam!”. “Contemplei-me mais uma vez! Minha silhueta estava mais longa! Eu também estava ficando tão azul quanto o casaco, mas revelei o problema. “Quem sabe posso viver sem respirar! Só não posso perder a liquidação!”, pensei enquanto meus pulmões clamavam por oxigênio. “De coração partido, devolvi o casaco dos meus sonhos.” “- Fica para outra”.-Veja esse aqui, o corte é diferente! O preço está maravilhoso! - atacou

o vendedor, mostrando outro de couro preto. Quase infartei. Quinze dias atrás eu comprei o casaco. Pelo dobro! O preço era bem mais em conta, mas também tinha causado um rombo no meu cartão de crédito.” “Agora na liquidação?” “(...) nada mais frustrante que sair de mãos vazias de uma liquidação! (Veja São Paulo, 14/07/2010).

A efemeridade do tempo do acontecimento tomada em relação com o modo de existência próprio dos veículos que abrigam tal modalidade discursiva – no caso os jornais e revistas, que se renovam a cada publicação – atua em consonância com o universo particular desenhado nessas narrativas de interesse circunscrito. Citando o caráter aspectual da efemeridade em relação à característica de transitoriedade dos periódicos em questão, uma vez mais recorremos ao mestre Antônio Cândido que afirma:

a crônica não tem intenção de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina onde tudo é tão depressa. Ela não foi feita para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra em um dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é dos escritores que pensam em ‘ficar’ (...) e sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (Antônio Cândido, 1981, p. 14).

No sincretismo da composição enunciativa, captado na plasticidade da expressão, as crônicas se apresentam elas próprias como narrativas curtas, que tendem a não ocupar mais de três ou quatro colunas concisas, em geral, arejadas, podendo vir acompanhadas de uma ilustração, que tende a seguir o apelo humorístico. Nesse caso, a brevidade na composição atua como um operador de sentido na construção discursiva.

1.4. A cidade reivindicada

Conforme observamos, a composição da crônica opera com mecanismos discursivos que favorecem uma posição de adentramento do enunciatário na narrativa. Nessa direção, podemos dizer que temos o simulacro de um leitor participativo que pelo ajustamento sensível complementa a narrativa.

Tangenciando a mesma temática discursiva, guardada as devidas diferenças estruturais, localizamos como constante nas mídias analisadas as seções dirigidas à opinião do leitor, intituladas de diferentes maneiras: “A cidade é sua”/ “Painel do leitor” (*Folha de S. Paulo*); “Reclama São Paulo”/ “Fórum dos leitores” (*O Estado de S. Paulo*); “A opinião do leitor”, (*Veja São Paulo*), “Cartas” (*Época São Paulo*). Se na crônica observamos simulacros do sujeito enunciatário

construídos pela imaginação do autor, nas cartas dos leitores, verificamos processos de delegação de vozes a esse sujeito que passa efetivamente a manifestar sua opinião, ocupando de maneira mais incisiva o papel temático de sancionador dos enunciados postos, podendo atuar como comentarista, crítico, opinando ou fazendo apelos, pedidos ou solicitações.

Nos cadernos *Cotidiano (Folha de S. Paulo)* e *Metrópole (O Estado de S. Paulo)*, as cartas referem-se, especificamente, às reclamações particulares dos leitores em relação aos problemas da cidade, que, todavia, expressam o coletivo. Nesse caso, o jornal ocupa o papel de prestador de serviço, assumindo a intermediação entre o reclamante e o reclamado, que pode ou não responder, como podemos verificar no fragmento seguinte:

Oscar Freire: Buracos e lixeiras lotadas: “A rua Oscar Freire é considerada a mais chique e sofisticada de São Paulo. Logo depois da inauguração de suas calçadas, chamei a atenção para a má qualidade do material e do serviço, mas não recebi nenhuma explicação. O lixo que se vê espalhado na rua, dá vergonha. Todo o fim de semana há lixo no chão (...). O que mais impressiona é que nem os lojistas tem a iniciativa de limpar as lixeiras. (...) E ainda querem promover o turismo na cidade. Maria Teresa Murray. São Paulo. (*Metrópole, O Estado de S. Paulo*, 23/11/2010).

Dispostas, topologicamente, ao lado dos editoriais, no primeiro caderno, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* mantêm as seções nomeadas “Painel do Leitor” e “Fórum dos Leitores”. Nesses espaços comunicativos o leitor tece comentários e opiniões de uma maneira mais abrangente, podendo se referir às notícias, reportagens, artigos, crônicas etc., veiculados pelas publicações anteriores, como acontece nas revistas. O leitor, então, escreve para tecer elogios, apontar erros ou discordâncias ou ainda manifestar sua indignação diante de acontecimentos da cidade que viraram notícia.

Em ambos os casos, os veículos constroem um simulacro de interação com o leitor, que passa a fazer parte da narrativa, ocupando a posição não apenas de sancionador, mas também de coenunciador, embora, tal modo de presença passe pelo filtro da mediação. Pois, conforme se nota, nas publicações as cartas passam por um processo de triagem que atende, além da disposição e ordenação de espaço físico reservado à seção, o direcionamento do enunciatário em processos de edição que visam, entre outras coisas, sintetizar a mensagem, deixando entrever marcas de valores e construções axiológicas.

De todo modo, tais edições conservam elementos fundantes da modalidade discursiva carta, como o discurso direto, marcado pelo uso de pronomes em primeira pessoa, caracterizado pela função emotiva, deixando ver o caráter passional. Assim, observam-se tons de vozes exclamativos, usos de adjetivações que materializam percursos sancionadores de um enunciatário engajado que, mais do que acompanhar os acontecimentos e fatos narrados pelo veículo informativo, opta por comentar, opinar sobre seu conteúdo, manifestando-se publicamente contra ou a favor. A manifestação de pontos de vista e tomadas de posição sobre determinado assunto ou acontecimento inscreve-se em um contexto discursivo de exposição de ideias, fundado por estruturas argumentativas e contra argumentativas. Diferente de uma carta pessoal, marcada pela informalidade, pontuada por uma linguagem mais coloquial, as cartas publicadas nas seções de jornais e revistas tendem a apresentar uma linguagem mais próxima da linguagem padrão, assumindo um tom de formalidade.¹ Assim, as escolhas linguísticas relacionam-se com os modos do sujeito se colocar nos espaços sociais, deixando entrever a perspectiva contratual e estruturas do fazer crer.

Forçoso notar que a maior parte das cartas publicadas nesses espaços discursivos exibe comentários neutros ou favoráveis às publicações veiculadas; um pequeno espaço é dedicado às discordâncias, deixando entrever o modo como o destinador presentifica o enunciatário. No primeiro caso, observa-se um esvaziamento da atividade de contra argumentação, apondo para o modo de presença de um leitor concordante com as abordagens e quase sempre aquiescente, como podemos verificar nos trechos seguintes:

São Paulo de madrugada: “Há mais de dez anos frequento a cidade que não dorme. A miríade de serviços que abarca a nossa metrópole pela madrugada nos traz a sensação de que a vida noturna jamais deve ser marginalizada ou estereotipada. Afinal, além de a economia continuar a pulsar (...) os exemplos mostrados na reportagem (“São Paulo de madrugada”, edição n. 18) mostram pessoas que enxergam na escuridão da noite o verdadeiro brilho que a cidade oferece. Alexandre N. e Silva (*Época São Paulo*, novembro de 2009).

Walcyr Carrasco: “Na última crônica, parecia que estava lendo a minha própria história

(“Temporada de liquidação”, 14 de julho). E quando a vendedora tem aquele ar superior só porque na maioria das vezes são supermagrelas e cabem em tudo? Fabiola Coentro (Veja São Paulo, 21/07/2010).

Parada Gay: Parabenizo o oportuno e pontual artigo de Alexandre Vidal Porto (“Não é preciso ser gay para ser diferente”, *Tendências/Debates*, 26/6) e aproveito para questionar: após a Parada Gay, o que fica de consciência e transformação? Muita gente que lucrou com a festa não está preocupada com a conscientização e com os direitos dos gays. Raul Kury, São Paulo, SP. (Painel do Leitor, Folha de S. Paulo, 29/06/2011)

Playcenter: “Injusto o enfoque da matéria. Não há companhia aérea ou qualquer outro negócio com um resultado tão significativo de segurança dado o volume de atendimentos. O texto é tendencioso a partir do título, que deveria ser a queda “no” playcenter e não “do” (A queda do Playcenter, 13 de abril). Adilson Capel Rocha (Veja São Paulo, 20/04/2011).

Lançado no debate sobre questões que acometem a rotina da cidade, o leitor encontra nesse espaço discursivo, grosso modo, um lugar para exercer o papel temático de discussão de questões sociais, interagindo com o enunciador e demais leitores, quando convidado a expor e defender suas ideias, inserindo-se, dessa forma, como agente nas narrativas e narratividades que envolvem a cidade.³ Trata-se da realização de um performance que além do reconhecimento cognitivo dos acontecimentos, o leitor passa a agir sobre eles, no plano pragmático e passional, inserindo-se em um contexto de relações sociais e políticas, tomadas como valor e desveladas a partir do tipo de relação comunicativa estabelecida e da interação que permite. No sincretismo da composição plástica, as diferentes vozes e os tons de elogio, exaltação ou revolta assumidos pelos leitores figurativizam um foro de debate e exposição de ideias, remetendo à idealização das praças públicas como lugar de uma multiplicidade de vozes. Na edição dos textos, as cartas são organizadas por temas, muitas vezes, sequenciados, assumindo características de debate, em turnos de argumentação, contra argumentação e contestação, os quais selecionam e convocam as vozes interlocutoras, com as quais

³Do ponto de vista do enunciador-destinador, esse espaço comunicativo, muitas vezes, é utilizado como medidor de repercussão do conteúdo publicado, servindo como artifício publicitário, como é o caso de publicações como a revista *Veja* que exibe gráficos sobre os assuntos mais comentados, mostrando seu poder de influência e penetração no cenário jornalístico. A opinião do leitor também pode ser levada em conta na atenção dada a determinados fatos que podem ocasionar a continuação ou a geração de novas reportagens. Ressalta, assim, a complexidade dessa relação, em que o enunciatário encontra um espaço para se colocar como uma voz, que se faz por si mesma, e que, ao mesmo tempo, faz a voz do veículo.

enunciatórios diversos tendem a se identificar, fazendo parte da construção narrativa.

Cumpramos ressaltar que a modalidade discursiva carta, na qual se inscreve a “carta do leitor”, tem em seu modo próprio de existência o poder de atualizar a relação de interação com o outro, em ato, inserindo-se no quadro de uma semiótica da presença. Trata-se, no dizer de Landowski (2002, p. 168, *apud* Sartre, 1943)*, da atualização de um “elo existencial entre duas ou várias realidades humanas.” Nessa perspectiva, o semiótico problematiza a carta como valor de ato, uma vez que convoca no discurso aquele que enuncia, apontando para as possibilidades de uma relação de copresença enunciativa. Tem-se, então, uma forma de presentificação dos sujeitos enquanto parceiros de um ato semiótico vivido, balizado por diferentes regimes de escritura, responsáveis pelos modos de presentificação do enunciatório.

Na carta do leitor, as marcas que figurativizam a presença do enunciatório – pronominalização em primeira pessoa, verbos no presente, assinatura – associados a uma linguagem que não dispensa o formalismo, porém mais solta, remetem, não ao distanciamento e objetividade de um tipo de carta comercial, mas assumem o tom conversacional, trazendo a marca da proximidade, adotando então um meio tom entre as cartas comerciais e pessoais, caracterizadas eminentemente pela intimidade. A rigor, podemos dizer que a modalidade discursiva carta do leitor, nos periódicos que se ocupam de tematizar a cidade, edifica-se como um importante canal de interação, oferecendo voz ao interlocutário que assume um simulacro de presentificação. Grosso modo, são nos jornais e revistas que esse gênero se estabeleceu de forma mais proeminente, atravessando os tempos e configurando-se como lugar de sociabilidade⁴.

2. Por uma proposição tipológica

Visando estabelecer uma relação entre as diferentes construções enunciativas que vão falar da cidade, inscritas em diferentes situações de comunicação, nosso percurso analítico se volta, mais especificamente, para o tratamento das relações comunicativas entre enunciadador e enunciário, buscando verificar como formam percursos interacionais e de sentido, de acordo com as interações discursivas de Oliveira (2009; 2010), desdobradas a partir de Landowski (2005).

No âmbito da mídia jornalística o que está em jogo é justamente a paixão do saber, da curiosidade, do conhecimento, sobremaneira valorizado em nosso tempo, que modaliza os percursos narrativos do sujeito do *querer-ser/estar* informado. Percurso que se efetiva nos contornos de uma complexidade modal, articulando programas narrativos de uso e de base. Vistos de uma forma mais abrangente, esses percursos narra-

tivos situam-se em um quadro em que se inscrevem as operações sintáticas e semânticas correspondentes ao regime de sentido de junção (que prevê os mecanismos de junção *vs* disjunção), e de união (orientado por dinâmicas de contato e contágio), de acordo com os prolongamentos da gramática narrativa elaborados por Landowski (2005).

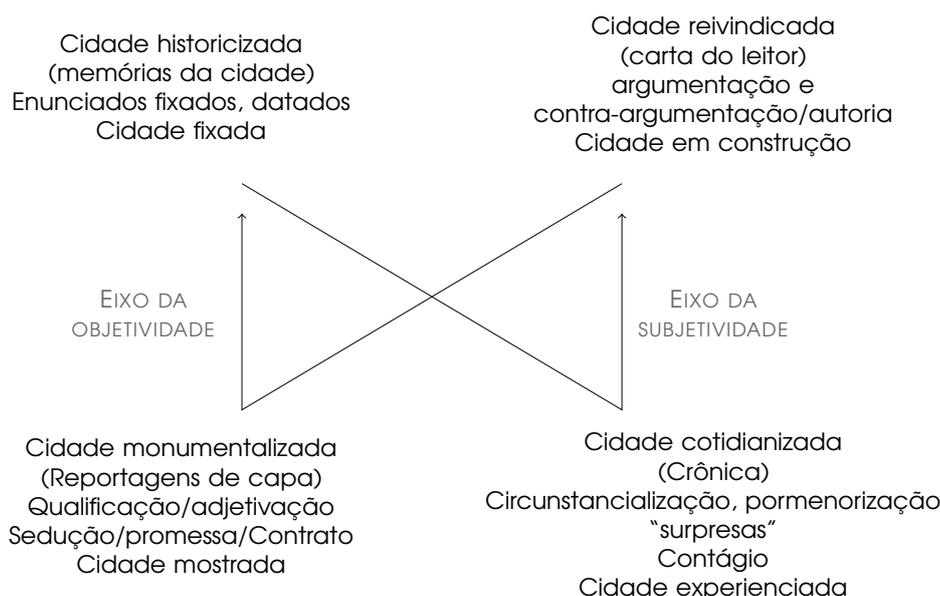
Partindo dos estudos de Landowski, Oliveira (2009; 2010) propõe um aprofundamento nos processos comunicativos cognitivos e de subjetivação no nível do discurso, focalizando na correspondência entre os tipos de saber colocados em circulação nas atividades cognitivas e sensíveis e os tipos de interações discursivas que articulam, examinado mais de perto as relações entre enunciadador e enunciário, tratados como atores do discurso:

Se nos dois níveis de análise, englobados como nível semio-narrativo, são sistematizados os conjuntos significantes dos valores, das condições actanciais, modais em suas dimensões cognitivas, performáticas, patêmicas e sensíveis de cada regime narrativo, no terceiro nível, o discursivo, são examinadas as relações interativas entre os atores do discurso, enunciadador e enunciário, para fazer com que a experiência vivida em ato no discurso seja particularizada em sua ocorrência singular distintiva de qualquer outra. Ato de fazer ser o discurso, nessas operações do mecanismo de enunciação é abordado o universo de escolhas dos modos de comunicação das estruturas semio-narrativas que o enunciadador processa em função do enunciário. O conjunto das interações discursivas definidas pelos procedimentos de enunciação do que é enunciado na produção semiótica do sentido por um enunciadador ao enunciário é marcado por esse interagir de escolhas das particularidades de temas, figuras, assim como da forma plástica em um dado arranjo estético e estésico. Esses procedimentos são instauradores dos que assumem um uso das linguagens para manifestar por ele um conteúdo (Oliveira, 2009).

Seguindo essa pressuposição, nosso percurso investigativo orientar-se-á para o estudo dos modos de presença do enunciadador, marcado pelas constantes nos modos de enunciar a cidade, captados nos usos da linguagem e modalizações, nas escolhas das tematizações, figurativizações e valores, articulados na plasticidade dos enunciados postos.

Dessa forma, foi possível tecer o seguinte diagrama, que passaremos a comentar:

⁴ Com o avanço das tecnologias da comunicação as cartas escritas, assinadas presencialmente e postadas no correio convivem com as mensagens eletrônicas, admitidas atualmente pela maior parte dos veículos analisados.



No quadro das interações promovidas na formação do discurso, observamos diferentes procedimentos de mediação que apontam para diferentes modos de presença e relações entre enunciador e enunciatário. Organizadas em dois eixos maiores – objetividade e subjetividade – essas relações apontam para processos de fechamento e abertura do discurso (Oliveira, 2009).

Nos procedimentos discursivos em torno do fazer conhecer a *cidade monumental*, observamos o emprego de estratégias de convencimento e persuasão, regidas por um princípio contratual e que aponta para a construção de um simulacro de cidade espetacularizada. Construída com e por imagens características dos cartões-postais e fazendo amplo uso de paisagens iluminadas, observamos o emprego de adjetivações e qualificações que compõem uma imagem da cidade e de seus habitantes ou passantes glamorizada, mostrando-a pelo encantamento, pela sedução e promessa que guiam as formas de convencimento e persuasão. A utilização reiterada do presente do indicativo e modalizações do imperativo apresenta valores, bem como crenças e usos da cidade, que se perfazem em uma relação contratual. Uma vez processado, esse modo de percepção da cidade tende a levar aos percursos de reconhecimento de modelos. Esses, posteriormente registrados na memória da cidade, consolidam os percursos de programação que abrigam a constituição de uma regularidade simbólica instituída, movimentando dizeres de um tempo enuncivo, verificados no uso do pretérito e que apontam para a edificação de uma *cidade historicizada*.

Nessa forma de construção discursiva, observamos a força dos enunciados fixados em datas e números

além de adverbializações. Nesse caso, o valor do saber instituído pela via do conhecimento acumulado, que marca as formas positivizadas da cultura ocidental, aparece de forma preponderante. No percurso narrativo de construção do sentido, a *cidade monumentalizada*, regida pela manipulação, tende a se encaminhar para o percurso da *cidade historicizada*, regida pela programação. Ambas atuando em uma relação de complementaridade, no eixo de objetividade, estando as formas de direcionamento e fixação do discurso, calcadas sobremaneira na dimensão cognitiva, apontando para uma menor atuação do enunciatário.

Em relação subcontrária aos modos de interação anteriores, temos as narrativas da *cidade cotidianizada*. Verificamos, então, os simulacros de uma cidade experienciada, ainda que de forma mediada, conforme observamos na crônica. Tal construção discursiva, ao focalizar o circunstancial, enfatizando o pormenor, recupera percursos de vivenciação dos espaços da cidade, construindo uma narrativa que coloca o enunciatário como partícipe por meio de ajustamentos sensíveis. Dessa forma, ele passa a fazer parte da construção do sentido, revivendo, corporalmente pelos sentidos não apenas da visão, mas do tato, audição, olfato, paladar, as texturas, os ruídos, cheiros e sabores da cidade. Assim, o enunciatário atualiza um saber sobre a cidade que ultrapassa a modalidade cognitiva, alcançando o sentir, como podemos observar no depoimento de uma destinatária que escreve ao painel do leitor, sobre uma crônica de Walcyr Carrasco, que tratamos anteriormente: “Na última crônica, parecia que estava lendo a minha própria história” (Veja São Paulo, 21/07/2010). Nesse caso, a dimensão aspectual, o foco no detalhe,

que leva às “pequenas surpresas”, atualiza a dimensão impressiva, que faz o enunciatário sentir o sentido, atuando como participante da narrativa. O recurso do diálogo, discurso direto, usos da primeira pessoa, bem como a força da palavra que, no convívio íntimo, faz sentir (Cândido, 1981) promovem o adentrar do enunciatário no discurso, apontando para procedimentos de maior abertura da narrativa (Oliveira, 2009).

Em relação de complementaridade a esse modo de construção discursiva, localizamos a modalidade carta do leitor, em que se situa a *cidade reivindicada*. Posicionada no eixo da subjetividade, em relação contrária, ao eixo da objetividade, em que verificamos a *cidade historicizada*, observamos um simulacro de cidade praticada, no qual o leitor é convidado a participar das narrativas construídas, opinando, comentando ou criticando os acontecimentos narrados. Nesse caso, o enunciatário exerce um papel de agente julgador dos simulacros de cidade tratados, assumindo o papel temático de destinador das informações construídas. Assim, passa a fazer parte dos enunciados propalados, nos moldes de coenunciador, dentro de um percurso de midiatização, no qual localizamos processos de maior abertura na narrativa, marcado por mecanismos discursivos da argumentação e contra-argumentação, primeira pessoa e discurso direto.

Tal procedimento implica muitas vezes na reestruturação da narrativa, como podemos verificar nos casos em que a enunciação do jornal ou revista opera com retratações, refazendo e reorientando a narrativa a partir do sancionamento do enunciatário. Nesse caso, temos um percurso de prolongamento da narrativa compondo um quadro em que a referência ordenadora, que orienta tais publicações, transita por uma imprevisibilidade, entendida aqui como calculada.

Também nos casos do leitor aquiescente podemos verificar prolongamentos da narrativa. Isso ocorre quando a opinião do leitor influencia os caminhos da redação de determinado veículo, apontando para novas abordagens de determinados assuntos de acordo com a opinião do enunciatário que quer saber mais sobre um tema ou demonstra ignorância, necessitando de conhecimento, ou ainda, não suporta sequer ler uma linha sobre algo publicado e que, conseqüentemente, sai de circulação. Aqui a inserção do enunciatário no discurso aponta para percursos de multidirecionamento do discurso, balizado pelos graus de presença do enunciatário e seu par pressuposto, apontando para procedimentos de maior abertura.

3. Considerações finais

Com efeito, a paixão do fazer saber que move o discurso jornalístico, ocupando-se em relatar os fatos e acontecimentos que fazem a metrópole, ocupa posição de destaque em nosso objeto de análise, orientando nossa pesquisa para os modos de colocar em circula-

ção esse saber na mídia destacada. Ocupando-se da especificidade dos periódicos que tomam São Paulo como tema, nosso trabalho buscou aproximar-se dos modos como os enunciadores em questão comunicam a metrópole a partir da edificação de simulacros da cidade e como projetam o enunciatário nas dinâmicas da enunciação. Nessa direção, foi possível verificar algumas constantes em relação às modalidades discursivas que circulam nessas publicações como formas invariantes, apontando para modos de dizer a cidade. Adentrando os mecanismos linguísticos dessas modalidades enunciativas, inscritos em cadeias isotópicas, foi possível estabelecer uma proposição tipológica dos modos de enunciação da cidade, destacando entre a diversidade de tópicos e chamadas existentes nos sumários que organizam os diferentes modos de textualização e discursivização da cidade em nosso objeto, aqueles de maior tradição e que configuram modos de socialização do saber comunicado.

Em consonância com as modalidades discursivas do saber e também do sentir, homologadas às plasticidades do verbal, visual e espacial, em composições sincréticas, verificamos percursos figurativos de interação entre enunciador e enunciatário guiados, ora pelo distanciamento da objetividade, ora pela proximidade da subjetividade, compondo oposições de base que geram efeitos de sentido no nível da enunciação. Assim, no percurso de atualização do sentido, o “sujeito da enunciação assume não só posicionamentos, mas também posturas e posições de abertura ou não, disponibilidade ou não em relação ao outro na sua experiência em que prova (e põe a prova) o sentido que constrói” (Oliveira, 2009, p. 11-12).

A aproximação dessas bases interacionais permitiu-nos adentrar as formas de enunciação da metrópole a partir dos enunciados construídos que circulam em ambientes midiáticos e que se renovam a cada publicação, dando-nos pistas para refletirmos sobre a construção do enunciador e enunciatário como partes atuantes nesses processos comunicativos que deixam entrever estruturações de uma imagem de cidade. ●

Referências

- Candido, Antônio
1981. Para gostar de ler: crônicas, *Para gostar de ler: crônicas*. Ática: São Paulo.
- Floch, Jean-Marie
1985. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*. Paris: Editions Hadès-Benjamins.

- Floch, Jean-Marie
1995. *Identités visuelles*. Paris: PUF.
- Greimas, Algirdas-Julien
1976. *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques*. Paris: Seuil.
- Greimas, Algirdas Julien and J. Courtés
1991. *Diccionario razonado de la teoría del lenguaje*. Tomo II, com a colaboração dos membros do Groupe de recherches sémio-linguistiques (EHES/CNRS), versão espanhola de Enrique Ballon Aguirre. Madri: Gredos. pp. 232-233.
- Landowski, Eric
1992. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Pontes.
- Landowski, Eric
1996. Para uma abordagem sociosemiótica da literatura. *Significação. Revista brasileira de semiótica*, (11/12), pp. 22-43. Trad. Ana Cláudia de Oliveira.
- Landowski, Eric
2002. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Landowski, Eric
2005. Les interactions risquées. *Nouveaux Actes Sémiotiques*. Limoges, Pulim, n. 103-105.
- Oliveira, Ana Claudia de
2009. Comunicação e produção semiótica do sentido. *Anais do XVIII Encontro da Compós*. Belo Horizonte: PUC-MG.
- Oliveira, Ana Claudia De
2010. A dinâmica das interações discursivas. *Caderno de discussões do XVI Colóquio do CPS*. São Paulo: Edições CPS, [CDROM].
- Folha de São Paulo
2011. Caderno Cotidiano.
- Folha de São Paulo
2010. Caderno Metrôpole.
- Revista Veja São Paulo
São Paulo: Editora Abril, 20 abr. 2011, 23 jun. 2010, 14 jul. 2010, 21 jul. 2010, 05 set. 2007, 10 nov. 2010, semanal.
- Revista Época São Paulo
. São Paulo: Editora Globo, nov. 2009, jan. 2011, mensal.
- Sartre, Jean-Paul
1943. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard.
- Silva, Simone Bueno da
2010. Simulacros da cidade de São Paulo na mídia impressa e digital. *Caderno de discussões do XVI Colóquio do CPS*. São Paulo: Edições CPS, [CDROM].
- Thurlemann, Felix
2009. Regarder avec les oiseaux. sur la structure d'énonciation d'un type de carte géographique. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 112.

Dados para indexação em língua estrangeira

Silva, Simone Bueno da

Enunciation modes of the São Paulo city in the printed media

Estudos Semióticos, vol. 10, n. 2 (2014)

ISSN 1980-4016

Abstract: *This article proposes to discuss, based on studies of French socio-semiotics, enunciation modes of São Paulo city in the printed media of large circulation and the mediation process. For that, take as its analysis object important thematic periodic that talk about the capital, emphasizing the magazines *Veja São Paulo* and *Época São Paulo*, in addition to the daily papers *Metropolis*, published in the journal *O Estado de S. Paulo* and *Cotidiano* from *Folha de São Paulo*. Part of the analysis of some constant in the enunciation modes of the city from discursive modalities that circulate in such publications as invariant forms, considering the distinct enunciators as well as the enunciative instances, entered into a collective enunciation. The analysis of different discursive procedures founded on the use of some operators linguistic showing the construction of different mediation procedures, allowing the formulation of categorizations related to different modes of informing about the metropolis and thus enunciate the city. Organized under the axes of objectivity and subjectivity, guided by relationships of closeness and distance, these categorizations can be related to different interaction and sense regimes that participate in the structuring of a city image allowing a deepening in the mediation relations in the sense construction in media environments taken as sociability instances.*

Keywords: *sociossemiotics, Sao Paulo, enunciation, discourse, interaction*

Como citar este artigo

Silva, Simone Bueno da. Modos de enunciação da cidade de São Paulo na mídia impressa. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://revistas.usp.br/esse> }. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 10, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2014, p. 66-78. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 27/Fevereiro/2014

Data de sua aprovação: 08/Setembro/2014
